

As fôrças morais como fatores da vitória

Pelo Cap. ARGEMIRO DE ASSIS BRASIL

Diz um escritor militar: FÔRÇA MORAL do combatente é uma energia psíquica, uma qualidade da alma que lhe permite suportar, sem desfalecimentos, tôdas as causas de depressão engendradas pela guerra.

As causas de depressão, mormente na guerra moderna, são inúmeras: são a consequência do valor inferior do material humano no choque contra a matéria inerte, são o fato da ação desmoralizante inerente à própria organização material e espiritual da máquina militar e, finalmente, resultam do estado de espírito das retaguardas, da nação em sí, longamente trabalhadas, em povos desprevenidos, pelos virus desagregadores dos povos fortes, audazes e ambiciosos. A guerra não se inicia pelo choque dos exércitos. Modernamente, quando a política entrega à espada sua tarefa, já procurou introduzir no corpo nacional inimigo os venenos de concepções religiosas, econômicas, sociais e políticas, de uma natureza dissolvente e internacionalizante que lhe roubam a vontade de vencer e lhe incutem a mentalidade do escravo e do comodismo absoluto. Precedendo e acompanhando a tormenta das batalhas, há uma impiedosa luta espiritual permanente, que forma uma corrente de vaivém da frente para a retaguarda e que, aos poucos, caruncha os exércitos e a nação, fazendo que se emurcheçam as vontades, conduzindo ao aniquilamento todos os valores morais que acionam as fôrças destruidoras da matéria sem vida.

Quando tôdas as energias da nação forem lançadas na fornalha, quando, como na guerra total que é a guerra de hoje, todo o organismo produtivo do país estiver ao serviço da economia de guerra, quando a guerra que é uma luta

de povos, nos campos de batalha e em suas retaguardas — é mistér que êsse povo esteja em condições morais de combater e suportar serenamente sem desfalecimentos tôdas as misérias, tôdas as desgraças e todos os esforços que se lhe exigirem. Uma nação sacudida pelas lutas intestinas, composta de dirigentes que não lhe saibam incutir os sentimentos patrióticos, dando-lhe a necessária coesão anímica, não terá fôrça moral para suportar as hecatombes de uma grande guerra. O patriotismo e a coesão anímica são fatores de ordem puramente moral, cuja existência está na base da vitória das lutas de nosso século. Sem êsses fatores não haverá a união indispensável entre povo, govêrno e direção da guerra. Sem coesão anímica é impossível a solidariedade: associação de vontades para realizar um objetivo comum; fôrça moral necessaríssima ao soldado em campanha e cuja ausência há sido, como nô-lo ensina a história, responsável por inumeráveis derrotas.

O Exército é a concentração sublimada dos caraterísticos morais e materiais de uma nacionalidade. Vê-se, desde logo, que lucra das qualidades da nação, sofrendo de seus defeitos. Povo individualista, vivendo da perturbação da integridade nacional e sem objetivo comum para conservar a vida integral da pátria, fornece um exército semelhante ao corpo sem vida e sem vontade, destinado à derrota nos campos de batalha. Na tormentosa vida das civilizações, há exemplos memoráveis dessa natureza. Atrás dos soldados, dos grandes conquistadores, houve sempre uma mística mais poderosa que as fôrças de suas armas e a habilidade de suas combinações. Sem ela, não seria possível o fragor das conquistas islâmicas, a derrocada das monarquias ao clamor das batalhas napoleônicas e, da mesma forma, impérios poderosos, atingidos pela senilidade corrupta, não haveriam ruído diante de bárbaros incultos coesamente animados por sentimentos primitivos. E essas verdades são tanto mais certas, quanto sabemos que a guerra moderna exige, mais que tôdas as outras, um enorme esfôrço da nação, desde o tempo de paz. Esfôrço material e moral, pelo abandono de muitas comodidades e liberdades individuais. Sòmente em tais bases

é possível a confiança no triunfo final, assegurado pelo real valor dos chefes, a eficiência dos meios materiais e cooperação ilimitada de tôdas as fôrças vivas da nação.

Sem patriotismo, coesão anímica, solidariedade e confiança, nestas guerras, "cada vez mais interessadas e cada vez menos interessantes", não é possível a vitória; resultado da coexistência dêsses fatores morais e de uma preparação eficaz no terreno material. As guerras se revestem de aspectos diversos do passado. O mundo atravessa a era da guerra total e permanente. A fase da guerra moral precede de muito às operações pròpriamente militares. Ela desagrega e putrefaz a vontade, a bravura, o sacrifício, a combatividade e os sentimentos patrióticos de tal forma, que exércitos há, que em vésperas da batalha, são um montão de ruínas. Não é certo pensar que sòmente unidades blindadas e mecanizadas transformassem sete exércitos da Europa em bandos fugitivos.

*
* *

Fora os fatores de ordem moral, de natureza coletiva, que integram a capacidade de resistência do povo e do exército, para a consecução da vitória plena e final, é preciso ressaltar a importância de fatores individuais, cujo desprezo tem custado muito caro aos exércitos que não os cuidam na devida forma.

Fatores coletivos ou individuais buscam sua origem: uns na base da nacionalidade; outros no esforço contínuo e permanente do chefe e dos quadros instrutores. O chefe desempenha um papel moral extraordinário: é o animador do mecanismo guerreiro com a fôrça da vontade, do cérebro e do coração. As qualidades da tropa e as qualidades do chefe formam a cúpula portentosa em que se abrigam os segredos da guerra. A guerra ainda se faz com homens. As relações entre subordinados e superiores não têm nada de mecânico; são cousas vivas e pessoais. A faculdade de empregar judiciosamente os homens, conhecer suas fôrças e

suas fraquezas, ler suas almas, penetrar seus motivos secretos, tudo isso compete ao chefe. Mais do que o saber, é essencial, que o chefe tenha caráter. Sem êste não infundirá respeito.

Em igualdade de condições materiais e habilidade de combinações, equaciona-se o fenômeno guerra, como uma luta de vontades opostas. Na análise das causas da vitória do Japão na guerra de 1904, dizia o general Nogi: "O triunfo é de quem aguentar mais um quarto de hora". Nesta guerra disse bem o General Weygand: "Estamos no último quarto de hora". Mas o quarto de hora da França já soára em 1938.

Vontade de vencer: primeira condição da vitória, primeiro dever de todos; resolução suprema que o chefe deve saber transmitir à alma do soldado. Se a vontade de vencer é necessária para tratar a batalha com probabilidade de sucesso, criminoso é aceitá-la sem a vontade superior que dá a todos a direção e a impulsão. Se a batalha fôr imposta por circunstâncias inelutáveis a decisão é bater-se, combater, para vencê-la, a despeito de tais circunstâncias. Combater por combater; combater sem um fim, sem saber porque, é o recurso ordinário da ignorância, dizia o Marechal de Saxe.

Na guerra de 70, em dias de Agôsto, valentes soldados da França, bateram-se ao redor de Metz, como bravos. Falhou a vontade do chefe. A bravura nada pode salvar.

Em realidade os grandes acontecimentos da história, os desastres registrados em suas páginas, jamais foram acidentais. São sempre o resultado do esquecimento das verdades morais e intelectuais mais vulgares, como também o abandono das atividades do espírito e do corpo, que constituem, no entanto, a vida e a higiene dos exércitos. (Foch). A guerra é um ato de fôrça material e moral. Sem vontade não há de vencê-la. Em uma nação cujos soldados não possuem virtudes guerreiras não haverá exército de espírito ofensivo. Nas horas cruciantes do perigo, a fina flor de sua mocidade morrerá no fundo das trincheiras, sem resistir ao ímpeto destruidor do inimigo combativo.

À vontade não existe nos falhos de caráter. Os homens de vontade, depressa decidem e depressa agem. A prudência excessiva conduz à inação. Os indecisos, os timoratos, e os pusilânimes, os resignados que enchem as avenidas da vida, são máu fermento para um exército. O verdadeiro chefe, homem de ação, é, ao mesmo tempo: calmo e empreendedor, prudente e audacioso.

Não nasce o homem sem vontade como nasce, por exemplo, com os cabelos pretos. E' possível adquiri-la pela educação. E' possível transmiti-la aos outros. E nada há tão poderoso em um homem, como uma vontade firme e deliberada.

Não basta a vontade; mistér é conservá-la. Sòmente com a tenacidade é possível mantê-la para que se obtenha o ascendente moral. Os comandantes dos II e III exércitos alemães na guerra de 1870, general Alvensleben e Príncipe Frederico Carlos, graças ao recurso de atos agressivos repetidos para manter constantemente o ascendente moral, corrigiram as imperfeitas disposições de Pont-à-Mousson e D'Herny. Emergiram, assim, da derrota, salvaram uma manobra estratégica montada sem base e sem segurança. Pela busca constante do ascendente moral, mantido a todo custo, impuseram sua decisão, detiveram o adversário; vitória moral feita de energia e de ação, singularmente facilitada pela falta de vontade do adversário.

Homens há que são tenazes por natureza. Meio e formação, dotaram-lhes de uma armadura moral, capaz de resistir às mais duras provas. Todavia, os chefes de um exército que contassem com tais excessões seriam invariavelmente batidos, pois a tenacidade é virtude mais adquirida do que congênita. E' preciso completar o minguido coeficiente adquirido no ambiente pacífico da vida civil em um país cheio de facilidades e doçuras climatéricas em que o homem não conhece a fome, fadigas ou sofrimentos físicos. Exercícios em que se exijam esforços vigorosos, marchas prolongadas, são processos de endurecimento do corpo e da alma; mais provas de ordem moral que de ordem física.

Entre nós não há o hábito de ligar a êstes aspectos da instrução moral. Ao mesmo tempo que se faz um recita-

tivo de feitos heróicos, porque os homens trabalharam até às 8 horas da noite, se lhes advoga um descanso suplementar. E' um êrro. Quanto mais trabalho, melhor. A máquina humana é de possibilidades extraordinárias se estiver sob o domínio de uma vontade poderosa e equilibrada.

Tratamos da iniciativa, que é o exercício livre da atividade no âmbito da ordem recebida, quer dizer, disciplina inteligente e ativa. Ter iniciativa é fazer o emprêgo apropriado dos meios disponíveis, onde o subordinado é o único juiz. A iniciativa só é possível se não houver exata compreensão dos direitos e deveres do comando. Quando êste confunde seus pensamentos e vontades com a dos chefes subordinados, sem levar em conta o afastamento, o tempo, os acidentes possíveis e mesmo a iniciativa independente do adversário, cousas que exigem resoluções espontâneas dos chefes subordinados — resulta uma centralização absoluta, contrária às necessidades da prática, negando ao inferior o direito de pensar e de agir sem ordem.

Peor será se êsse sistema de servilismo militar fôr prática constante do tempo de paz. O hábito inveterado da subordinação cega, inerte, absoluta, erigida em lei soberana, conduz à inatividade, à inação, ao abandono da idéia ofensiva. A inação sucede a surpresa e aí está a derrota. E hoje, quando os princípios dos grandes capitães atingiram a maturidade; quando a batalha é o choque violento de massas consideráveis; quando a manobra ofensiva, envolvente ou de ruptura, combinada ou não, é o primeiro e último argumento dos chefes vitoriosos; quando a batalha se estende por milhares de quilômetros nas três dimensões; quando o soldado e chefes subordinados encontram-se, as mais das vezes, lutando sozinhos, enfrentando os bombardeios, dizimados pela metralha, sem ligações, sem comunicações, no fragor de combates gerais, onde o chefe tombou e onde é preciso ter vontade, ser bravo e tenaz, é mais necessário ainda, dar provas de iniciativa. A burocratização da guerra é a morte da iniciativa. A guerra é ato decisivo na vida de um povo. Burocratizá-la, matando a iniciativa, é transformar a virilidade de todos, no mais abjeto servilismo funcional. Não esqueça-

mos, pois, que a instrução não deve se limitar ao ensino de atos reflexos sob comando. O homem sob o fogo, abandonado a si mesmo, sem comando, debaixo da tormenta tremenda da batalha, ficará estático e bestificado, se não fôr dotado de forte iniciativa. Para a guerra das grandes velocidades e de meios desconhecidos, é fundamental que se prepare muito e bem este aspecto da alma humana. Instruir não é ensinar fórmulas mecânicas e atos em série; mais do que isto, é apelar para o cérebro e alma do homem; ensiná-lo a comandar a si próprio. Devemos evoluir. Transformações de natureza econômica e técnica, possibilitadas pelo desenvolvimento das forças produtivas, fizeram das guerras de nações, guerras de povos. Não é lícito, por ora, duvidar da justeza dos princípios que nortearam os grandes capitães. E' criminoso, porém, apegar-se à rotina e julgar que os processos não variaram com os progressos decorrentes da técnica de emprêgo e utilização do material. E o homem, animal sensível, sofre com o poder destruidor das armas modernas, perde a iniciativa, início de desagregação moral. "Porém, ao final, é sempre o homem que manobra os meios auxiliares técnicos. O homem e a técnica representam a força do exército; mas aquele guardará sempre o primeiro plano; transportados pelo material inerte diante do inimigo, comunica-lhe sua força moral, a fim de destruir esse inimigo" (Ludendorf).

A iniciativa exige que os executantes entregues a si próprios, em circunstâncias idênticas, operem de modo semelhante. A isto, em linguagem militar, se chama disciplina intelectual. Ela é o corretivo das iniciativas desordenadas. A guerra nacional, nascida da Revolução Francesa, morreu em Warteloo. Napoleão desenvolveu-a ao máximo. Moltke Schldaffen e Clausewitz ensinaram-na ao Grande Estado Maior Prussiano. Este creou a disciplina intelectual, a unidade de doutrina, capaz de possibilitar a conduta das grandes massas. Quando o general em chefe, como em Rivoli, Austerlitz, Marengo, Jena ou Auerstaedt, divisava o conjunto do campo de batalha, é óbvio, não se fazia tão necessária a disciplina intelectual. Porém, na época da guerra

das grandes massas e da terceira dimensão, quando há, combates acima, na frente e à retaguarda dos exércitos em luta, não é possível vencê-la sem uma rigorosa disciplina intelectual e uma profunda coesão anímica do povo. Assim procedendo, os generais prussianos, repetidas vezes têm levado seus exércitos vitoriosos, ao coração da França.

Se a guerra exige de todos, a disciplina intelectual, deve exigir de cada um, êsse grande fator de unidade moral e elemento da vitória que é a disciplina. Esta é um corretivo dos pendores humanos. "Ser disciplinado é aceitar plena e convictamente a necessidade de uma lei comum, que regule e coordene os esforços. Ser disciplinado não é executar as ordens recebidas unicamente na medida do que se julgue conveniente, justo, racional ou possível; é preciso penetrar francamente no pensamento do chefe e lançar mão de todos os meios humanos praticáveis, para satisfazê-lo. A disciplina não é a arte de evitar a responsabilidade nem de encobrir máus procedimentos com atitudes corretas ou palavras de adulação. Muito pelo contrário, exige do subordinado energia de caráter e funcionamento do espírito". A disciplina corretiva é aplicável aos celerados; a disciplina vigiada não é disciplina, é cinismo. A disciplina é uma das principais formas de natureza moral de um exército. Quanto maior êle seja, mais tem necessidade dela. Sem disciplina não é possível a vitória.

Na guerra não se podem travar somente batalhas ofensivas, pois jamais seremos fortes em tôdas as partes. E' preciso respeitar o princípio da economia de fôrças. Porém, a essência mesma da vitória reside na ofensiva, que alevanta o moral dos combatentes: unicamente a ofensiva pode dar velocidade à massa e, por consequência, maior fôrça viva e poder destruidor. Com a ofensiva obtem-se a surpresa que crêa no adversário o sentimento do terror e da inferioridade, em uma palavra, sua destruição moral. Os exércitos que não possuam espírito de combatividade, são incapazes de ações ofensivas. A combatividade é própria dos povos fortes. A maioria dos indivíduos não tem paixão pela luta. Mesmo na vida ordinária preferem a monotonia de uma neu-

tralidade descorada que lhes dê boas digestões e socegos permanentes. Os interesses particulares, o derrotismo, as fadigas, recordações da vida em família, perigos constantes, quadros sombrios dos campos de batalha — agem fortemente sobre o moral dos exércitos destituídos de combatividade.

Para possuir combatividade é preciso ter caráter e espírito de sacrifício — virtudes guerreiras inerentes aos soldados vitoriosos de todos os tempos. Sem elas, é impossível a continuidade dos esforços morais que levam a derrota ao organismo militar adversário. Nesse departamento de forças morais que é a guerra, combatividade, caráter e espírito de sacrifício são as armaduras que devem revestir as almas de todos os combatentes, desde o soldado ao chefe. O caráter é um hábito adquirido, conservado e transmitido pelas leis comuns da hereditariedade e se aperfeiçoa pela educação ou esforço de dignificação pessoal. É uma virtude moral das mais importantes por ser o alicerce da bravura, cuja edificação magnífica depende da vontade, do espírito de sacrifício, da noção do cumprimento do dever, da disciplina e da combatividade. A bravura é a mais complexa das virtudes guerreiras; talvez por isso, a mais preciosa. O medo é o seu irmão. Sempre andam juntos. O homem é a sua moradia. No jogo tremendo das forças morais, o medo desempenha um papel como elemento destruidor das grandes virtudes, sem similar entre os agentes que levam a derrota ao campo inimigo. E isso provém das características psicológicas das coletividades, onde os estados da alma se transmitem de homem para homem, desrespeitando as qualidades individuais.

Dado que a tropa é, em alto grau, sensível aos mais diversos estados de depressão e exaltação; sujeita a modificações repentinas para o pânico, heroísmo, vitória ou derrota — necessário se torna que os chefes de todos os escalões tomem na devida conta êsse aspecto delicado da psicologia dos exércitos. Sob êste ponto de vista é de influência capital o fator CONFIANÇA, que deve ser mantido sempre e por todos, em todos os lugares. Confiança em si, nos chefes, no material, nos companheiros e na retaguarda, é um dos

mais potentes arcabouços da vitória. Sem conta são os exemplos históricos de exércitos arrastados a irreparáveis derrotas, por falta de confiança. E' fundamental a confiança no chefe. Para tanto, necessita êste de qualidades de comando que infundam respeito, autoridade e prestígio. Por sua vez deve o chefe ter o dom de transmitir a energia que o anima à tropa que comanda, pois esta é sua arma e vale o que êle vale.

Certamente, para de uma forma hiperbólica mostrar o valor do chefe, sob o ponto de vista moral, dizia Napoleão: "Não foram as legiões romanas que conquistam as Gálias, foi Cesar. Não foram os soldados cartaginêses que fizeram Roma tremer, foi Aníbal. Não foi a falange macedônica que penetrou no coração da Índia, foi Alexandre. Não foi o Exército francês que atingiu o Weser e o Inn, foi Turenne. Não foram os soldados prussianos que defenderam a Prússia, durante sete anos, contra os três mais temíveis impérios da Europa, foi Frederico o Grande". Diríamos nós: Não foram os soldados esfarrapados da Revolução Francesa que fizeram o milagre, inédito, jamais repetido, de percorrer vitoriosos tôdas as estradas da Europa, foi Napoleão.

Diz Ludendorff: "Ser general em chefe, chefe ou mesmo simples soldado, é submeter o caráter a supremas exigências. Sòmente homens de caráter poderão inspirar confiança e estar no direito de exigí-la".

Diz Foch: "Os grandes resultados da guerra são efeitos do comando. A justo título é que a História leva à conta da memória dos generais as vitórias, para os glorificar e as derrotas, para deshonrá-los".

Há chefes natos e os que se fazem pelo trabalho e reflexão. Não há livro mais fecundo para o saber e meditação de um exército, que a História Militar. "A realidade é que no campo de batalha não se estuda: simplesmente, faz-se o que se pode, para aplicar o que se sabe. E a fim de poder um pouco, é preciso saber muito e bem" (Foch).

Vêdes. As fôrças morais são um complexo de energias psíquicas das qualidades da alma que, nascendo no

âmago das populações civis, sob as formas de patriotismo, coesão anímica, solidariedade e confiança, se transmitem aos exércitos em campanha, onde cada soldado arrancado do seio da pátria, deve ser dotado de vontade, disciplina, iniciativa, combatividade, espírito de sacrifício, bravura e tenacidade — para que o conjunto harmônico seja um poderoso instrumento de fôrça moral nas mãos do chefe, capaz de impulsionar os meios materiais até a destruição total do inimigo, a bem da conservação da vida nacional por que se luta!!!

Companhia Federal de Fundição

Fabricação de aparelhos e retortas para a industria chimica, em aluminio ou ferro fundido, com ligas especiaes para resistir aos acidos ou a altas temperaturas.

Officina e Escriptorio:

Rua Nery Pinheiro — Caixa Postal 47

Tel. 22-8847 — End. Teleg. "FUNDERAL"

RIO DE JANEIRO

Bibliotéca da A DEFESA NACIONAL

Livros à venda (inclusive porte)

Anuario Militar do Brasil 1935	17\$500
Anuario Militar do Brasil 1936	22\$500
Anuario Militar do Brasil 1937	17\$500
Anuario Militar do Brasil 1938	22\$500
Anuario Militar do Brasil 1939	22\$500
A Campanha da Africa Oriental — Gal. Waldomiro Lima . .	31\$500
A Campanha da Africa Oriental — Gal. Waldomiro Lima (para Officiais)	21\$000
Aspétos Geográficos Sul-Americanos - Ten-Cel. Mario Travassos	6\$000
A. C. P. — Cap. Geraldo Cortes	16\$000
A.C.P. (blocos para o)	3\$000
Boletim n.º 1 — Ten.-Cel. Araripe e Ten.-Cel. Lima Figueirêdo	11\$000
Boletim n.º 2 — Ten.-Cel. Araripe e Ten.-Cel. Lima Figueirêdo	11\$000
Cadernetas de ordens e partes	9\$000
Cadernetas de ordem e partes (blocos para)	3\$000
Caderneta do Comandante	1\$500
Cannae e nossas batalhas — Cap. Wiederspahn	8\$000
Caxias (Eudoro Berlink)	20\$000
Coletanea de Leis e Decretos de 1544 a 1938 -- Maj Bento Lisboa	13\$000
Combate e Serviço em Campanha — Ten.-Cel. Araripe	13\$000
Dispersão do Tiro — Ten.-Cel. A. Morgado da Hora	13\$000
Duque de Caxias — Cap. Orlando Rangel Sobrinho	2\$500
Ensaio sôbre Instrução Militar — Cmt. Brallion — Tradução dos Caps. Garcia e Salm	13\$000
Elogio de Caxias	2\$500
Escola do Pelotão — Ten.-Cel. Araripe	13\$000
Equitação em Diagonal — Major Osvaldo Rocha	13\$000
Contribuições para a Historia da Guerra entre Buenos Ayres e Brasil — Trad. do Gal. Klinger	13\$000
Bandeira do Brasil — Ten. Janary Gentil Nunes	11\$000
Fichario para Inst. de Ed. Fisica — Cap. Jair Jordão Ramos	16\$000
Formulario do Contador — Cap. José Salles	5\$000
Guia para Instrução Militar — Cap. Ruy Santiago — 1940 . .	13\$000
Historia da Guerra entre a Triplice Aliança e o Paraguay — Gal. Tasso Fragozo	60\$000
Historia Militar do Brasil — Gustavo Barroso	13\$000
Indicador Paranhos até 1935	13\$000
Indicador Paranhos de 1936	6\$000
Indicador Paranhos de 1937	6\$000
Indicador Paranhos de 1938	6\$000
Invasão e Tomada das Ilhas Balticas	5\$000
Impressão de Estágio no Exército Francês - Cel. J. B. Magalhães	3\$000
Instrução de Transmissões — Ten.-Cel. Lima Figueirêdo . .	11\$000
Instrução na Cavalaria — Cap. Mena Barreto	11\$000
Lições de Biometria Aplicada — Cap. Dr. Sette Ramalho	26\$000
Um Periodo de Recrutas — Cap. Salm Miranda	6\$500
A acentuação Gráfica -- Cap. Antônio P. Lira	2\$500
Manual de Orientação em Campanha — Cap. Antônio P. Lira	19\$000
Telemetria — Cap. J. Silva, enc. 21\$000, br.,	16\$000

Observação — Os livros acima poderão ser remetidos pelo Serviço Postal de Reembolso.

ria de D.C.A., os nacionalistas quasi que pararam os bombardeios dos governamentais.

Os aviadores de Franco resolveram imitar os adversários e levaram seus aviões de bombardeio às retaguardas inimigas. A artilharia governamental estava em condições precárias com pequeno número de baterias de 75 mm. com moderada velocidade inicial, em tudo iguais à utilizada pelos demais países, com exceção da Alemanha. Este material só podia atingir os aviões que se arriscassem a navegar à média altitude. Isso, porém, não oferecia obstáculo sério aos bombardeadores, que, pelo contrário, encontravam uma caça ativa e vigilante munida dum material que, no fim de 1937, podia ser considerado como o mais perfeito. **Bastou a caça para interdizer as retaguardas governamentais à execução regular das expedições de bombardeios longínquos.** Todavia, tôdas as vezes que essa caça faltou, a artilharia de D.C.A. governista, por sí só, tornou-se impotente.

A escolha do calibre é duma importância primordial para o rendimento dum material contra aviões.

Da seleção feita pelos países aliados na guerra de 1914-18 não se pode tirar um ensinamento sério, pois, quando sobreveio o fim das hostilidades havia um estoque abundante em peças e munições e por isso evitava-se mudar o calibre, encarando-se tudo pelo prisma econômico. O material foi conservado, introduzindo-se nele, apenas, alguns melhoramentos de minúcia: adição de um freio de bôca para aumentar a potência, mudança dum fumígeno para crescer sua duração de combustão, substituição dum fumígeno pirotécnico por outro acionado por um movimento de relojoaria para reduzir a dispersão, etc. Aceitando-se, porém, que os calibres da ordem do 75 tivessem sido suficientes contra os aviões de 1918, a baixo teto e moderada velocidade inicial, hodiernamente, teremos que repudiar esta asserção.

As clausulas do Tratado de Versailles impuzeram aos impérios centrais uma limitação no número e no calibre dos canhões, a qual lhes proíbia o emprêgo duma artilharia de D.C.A. consentânea com o progresso do material aéreo. Foi a Alemanha o primeiro país que se apercebeu da insu-